Canta e caminha
Núm. 169 • Jan - Fev 2023

A Família Agostiniana Recoleta une-se ao sentimento social e eclesial pela criação de espaços seguros de liberdade, tolerância e respeito, para a defesa dos mais vulneráveis e para a atenção e restituição da dignidade das vítimas

o desafio da cultura do bom tratamento

No decorrer da história, é nítido como as relações humanas podem ser obscurecidas e causar grandes **confrontos e conflitos**. A história é testemunha de conflitos **sociais**, mas os conflitos **interpessoais** permanecem nas sombras; no entanto, este flagelo oculto, tão antigo como a humanidade, adquiriu relevância no nosso mundo ocidental devido a uma melhor compreensão dos **direitos** da pessoa, de uma maior atenção por parte da **legislação** e das **organizações internacionais** e da diminuição do medo de **denunciar** fatos tão flagrantes e dilacerantes.

Consequentemente, ficamos muito felizes, porque a sociedade, de modo geral, tem alertado sobre certas violações desses direitos, tais como o **abuso** e o **assédio**, seja sexual, de poder, autoridade e consciência, no trabalho ou na escola, físico ou psicológico, presencial ou virtual.

É ilusório pensar que o comportamento de todos e de cada um será sempre o mais correto, sem mácula, tolerante, respeitoso, caridoso: a realidade é muito repetitiva e devemos contar com os desvios de alguns. Por isso, é preciso criar regras para **atender e cuidar das vítimas**, restaurar a autoestima quebrada, fazer justiça punindo o agressor e estabelecer meios para que ele, com sua reintegração, se corrija, e nunca mais faça novas vítimas.

Antes de tudo isso, é necessário **educar e conscientizar** sobre a igualdade fundamental das pessoas e seus direitos, de forma teórica e prática. Nisso **estamos todos envolvidos** e de todas as áreas: religiosa, educacional, cultural, esportiva, comunicativa...

A atenção estará sempre voltada para aqueles que já foram **vítimas** e sobre os **mais vulneráveis** — para evitar que se tornem vítimas — através de ações que incluem **prevenção** (educação, legislação, mediação, segurança), **recuperação** (privacidade e anonimato, acolhimento, proteção, terapias, compensação) e **justiça** (denúncia, terapia, reintegração).

A **Família Agostiniana Recoleta**, grupo social cuja gama de relações sociais se desdobra em inúmeras áreas, não é indiferente ao problema do abuso e assédio; nem ao apelo da Igreja a ser sempre um **espaço seguro**, sem qualquer conluio com os perpetradores.

Há cerca de dez anos, nossa Família vem preparando e atualizando seus **regulamentos**, obrigatórios para religiosos e colaboradores, principalmente se tiverem contato com menores e pessoas vulneráveis. A posição é firme, sem meias-medidas: acolhimento, escuta e apoio à **vítima**; denúncia, punição e reconversão do **agressor**; conscientização, prevenção e criação de ambientes seguros **para todos**.



Com base na **doutrina agostiniana**, a Família Agostiniana Recoleta aposta e se compromete com essa aventura e desafio de sempre criar e manter uma **cultura de paz e do bom tratamento**, como você verá nos exemplos que propomos neste *boletim de amizade*.

Agostinho de Hipona, o mestre teórico e

Os membros da Família Agostiniana Recoleta têm no pensamento de Santo Agostinho e em seu carisma os direcionamentos para, em sua mente e coração, serem referências de interioridade, liberdade, amizade e amor, contrários a todo abuso, assédio, violência, discriminação e desprezo.

Santo Agostinho passou grande parte de sua vida na **sala de aula**, treze anos como estudante e onze como professor de fama. Começou a ensinar na capital da África romana, **Cartago**, em seguida deu um grande salto para **Roma** e acabou na então capital do Império, **Milão**. Após a conversão, deixou as aulas para ser, sucessivamente, monge, sacerdote e bispo; mas sempre manteve essa tensão e impulso para buscar a verdade.

Apaixonado pelo ensino, viveu o ofício com paixão, convencido de que contribuía para moldar a personalidade dos jovens, temperada pelo calor da verdade. Esse era, para ele, o **caminho da felicidade**.

Seus **conhecimentos e metodologia** de professor lhe foram valiosos para liderar a comunidade monástica e diocesana, assim como as **experiências negativas** foram iluminadas e transformadas em terreno fértil para a ação de Deus.

Sombras na escola

Das turbulências que experimentou nas salas de aula, algumas vieram do sistema, outras de fatores externos e houve também dos próprios alunos. **Agostinho** não era o típico cê-dê-efe. Era **brilhante** e tinha uma memória excepcional que transparecia nos assuntos que ele gostava, mas, no geral, estudou por **obrigação**, como ele descreve:

> *"eu não gostava dos estudos, e odiava que a eles me obrigassem meus pais e professores"* (*Conf.* 1, 12, 19).

E forçaram-no pela força da **chicotada**, típica do sistema em vigor, fonte de angústia que se multiplicou quando, buscando refúgio em seus pais, foram os primeiros a rir dele. Por isso, confiou-se a Deus com toda a sua alma:

> *"Embora pequeno, te rogava já com grande fervor para que não me açoitassem na escola".*



Benozzo Gozzoli, A Escola de Tagaste. Afrescos da capela de Santo Agostinho em San Gimignano, Toscana, Itália. 1464–1465.

Agostinho também foi vítima de violência como professor. Em **Cartago**, se praticava o *bullying*:

> *"A liberdade dos estudantes é tão vergonhosa e destemperada que invadem cínica e furiosamente as aulas, perturbando a ordem estabelecida pelos mestres em seu próprio interesse"* (*Conf.* 5, 8, 14).

Agostinho estava tão farto da situação que foi para **Roma**. Lá ele encontrou mais organização e ordem, mas também maior desonestidade: quando se tratava de pagar, os alunos não apareciam. Uma pressão injusta sobre o professor, cuja vida dependia de seu trabalho.

Valores que iluminam

Essas experiências negativas permitiram a **Agostinho** identificar e destacar os **valores** nos quais se baseia a **transmissão do conhecimento**, seja sagrado ou profano, em sala de aula ou na igreja, para crianças ou adultos. Toda **pedagogia agostiniana** e todo **centro educacional** com esse sobrenome deve assegurar estes valores:

— Interioridade

Esse **processo**, sustentado ao longo do tempo, requer um ambiente estável e cria **hábitos** de comportamento, permite que a pessoa adentre em seu quarto interior, percorra-o, limpe, ordene, acomode-se e a partir daí contemple a realidade de fora e a transforme:

> *"Não te esparrames para fora; entra dentro de ti mesmo, que a verdade habita no homem interior"* (*De vera rel.* 39, 72).

> *"Dá destaque ao silêncio. Volte-se para dentro de si. Fuja do barulho. Volta o teu olhar para o teu interior, onde não deve haver barulho nem brigas, onde vives tranquilamente no recanto da tua consciência"* (*S* 52, 22).

A **interioridade** é a chave para a realização e a felicidade humana. Qualquer pedagogia, estrutura escolar, sistema de ensino e condições ambientais devem favorecer este processo.

Qualquer assédio —físico, psicológico, afetivo— é contraproducente para a interioridade, seja proveniente de professores ou colegas, do ambiente social ou familiar...

o testemunho prático da "boa convivência"

— *Liberdade*

Quando **Agostinho** foi forçado a estudar violentamente, sua **liberdade** foi roubada, um conceito que ele apreciava como fazemos hoje.

Mas, à medida que sofre os embates da vida, ele percebe que a liberdade é algo **muito mais profundo**: não se trata apenas de livrar-se dos condicionamentos externos.

O principal é libertar-se das amarras que **nos prendem por dentro**: as paixões, os vícios... o que ele chama de *"cadeias da ganância maligna e ataduras dos pecados"* (*In. Sal.* 101, 2, 3). Essa é a sua experiência fundamental, aquela que muda a sua vida, aquela que depois defenderá perante todos e analisará admiravelmente.

— *Amizade*

Na infância e juventude a vida se consolida, a personalidade é construída e as **melhores amizades** surgem, entrelaçadas no ambiente escolar. **Agostinho**, em sua autobiografia, resume perfeitamente:

> *"Havia muitos detalhes por parte dos meus amigos que tornavam a companhia deles mais cativante: conversar e rir juntos, prestar atenção um ao outro, ler juntos, livros divertidos, brincar uns com os outros sem nunca perder a estima e o respeito mútuos, às vezes discutir, mas sem antipatia, como quando se discute consigo mesmo.*
>
> *Essa mesma divergência de parecer, que, aliás, era um fenômeno muito isolado, era a essência com que temperávamos muitos acordos. Instruir-nos em algum assunto, sentir saudades dos ausentes, acolher com alegria os que voltam: esses gestos e outras atitudes semelhantes que saem do coração de quem se aprecia e se retribui, e que encontram sua expressão na boca, a língua, os olhos e mil outros gestos de extrema simpatia, eram como incentivos que iam fundindo as nossas almas fazendo de muitas uma só"* (*Conf* 4, 8, 13).

Não é, portanto, nem camaradagem, nem falso pertencimento a um grupo que segue um líder ou uma ideologia. Havia grupos desse estilo na época, como há agora. A escola visa formar **pessoas autônomas** sensíveis aos valores da amizade autêntica.

Para saber mais

— *Amor*

Uma frase lapidária que **Agostinho** legou à posteridade é:

> *"Meu amor é o meu peso".*

Qualquer pensamento, desejo, ação concreta ou atitude permanente, bem como a escolha fundamental que sustenta tudo, é **devido a um amor**. A pessoa vale conforme os quilates do amor que tem e a direção que o amor toma, para o bem ou para o mal, o vício ou a virtude, o interesse próprio ou do próximo.

Na perspectiva agostiniana, o **amor** é autêntico, se direciona ao **exterior**: tem como objeto Deus e o próximo. É por isso que a sensibilidade social, o voluntariado, a assistência aos fracos, a atenção aos empobrecidos se refletem no ideário agostiniano, que luta contra qualquer coisa que se assemelhe à **violência**, **discriminação**, **desprezo** e **procrastinação**.

— *Sentido comunitário*

Santo **Agostinho**, que viveu tão intensamente o amor e a amizade, teve de dar grande importância teórica e prática à **dimensão comunitária** da pessoa, na qual a experiência do amor cristão tem um imenso impacto.

O amor cria uma atitude de vida em que *"as coisas comuns vêm antes das próprias, não as próprias antes das comuns"*, como pede o santo aos seus monges na ***Regra***. Mas, é toda a comunidade humana que exige justiça social, solidariedade com os necessitados e promoção da convivência.

Ottaviano Nelli. Afrescos da vida de Santo Agostinho na igreja de Gubbio, Perugia, Itália (1410–1420). Agostinho, professor em Cartago



“A boa convivência é alcançada com comunicação,

Antônio Carrón de la Torre (Madri, Espanha, 1980) coordena a Comissão para a proteção dos menores e das pessoas vulneráveis dos Agostinianos Recoletos e é professor do Instituto de Antropologia da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Conversamos com ele sobre a promoção e o desenvolvimento, na Família Agostiniana Recoleta, da cultura do bom tratamento.

O que é a “cultura do bom tratamento”?

Um bom tratamento, em geral, é alcançado quando espaços e tempos são disponibilizados para se relacionar, dispostos a descobrir as necessidades do outro. É promovido com **comunicação**, **conhecimento** mútuo, **amor** e **respeito** pela autonomia do outro.

Desde que a crise dos abusos despontou na Igreja, nos concentramos na proteção, nos perigos, nos agressores e nas consequências para as vítimas e, talvez, tenhamos ficado apenas com essa dimensão mais negativa. É certamente doloroso e deve ser abordado de maneira séria e comprometida, sem esquecer as vítimas, as feridas, o acompanhamento e a reparação; mas também é importante ser **proativo** e, para isso, a linguagem nos ajuda.

Falar de uma boa convivência é falar sobre como **melhorar nossas relações** comunitárias e pastorais e como prevenir não só sendo restritivos, mas lançando **propostas positivas**, como avaliar nossa vida e missão, analisar como concebemos autoridade e poder em nosso dia a dia, rever nossa transparência, responsabilidade, melhorar nossos processos de formação e a maneira como abordamos nosso ministério...

Há conscientização sobre isso na Família Agostiniana Recoleta?

Quando falamos de uma família religiosa, não nos referimos a uma entidade abstrata, mas, às pessoas com experiências, dúvidas, visões de mundo e modos de agir.

Como **instituição**, penso que existe um **compromisso claro** com a promoção de uma cultura de paz, embora talvez não tenha sido totalmente compreendida em que consiste.



Em um **nível pessoal**, há muitos comprometidos e há céticos, há também aqueles que corrigem o conceito em sua totalidade. Não devemos nos surpreender porque na Igreja e na sociedade há as mesmas reações.

A minha avaliação é **positiva**, penso que progredimos; embora ainda haja muito a fazer, temos de reconhecer que, em muitos aspectos, fomos, até certo ponto, pioneiros.

Em 2013, a **Província de São Tomás de Vilanova** levantou a necessidade de aprofundar a questão e, pouco depois, o **Governo Geral** deu uma grande contribuição com um regulamento para enfrentar as situações de abuso. Nos últimos anos, o ***Plano de Proteção à Criança*** coordenado pela ARCORES e pela Rede EDUCAR na Espanha pode ser uma boa referência.

Seus pilares estão na análise de riscos, revisão de regulamentos e códigos de conduta e formação. Queremos que o bom tratamento seja integrado como **dimensão transversal** nas escolas e transfira esta experiência para outros contextos.

Quais medidas foram tomadas face ao problema específico dos abusos?

Creio que agimos de forma responsável, criteriosa e **aprendemos** com cada situação. Houve progresso, muito aprendizado, bastante conscientização e, gradualmente, vamos melhorando.

O simples fato de tratar do tema nos Capítulos, de publicá-lo nos ***Projetos de Vida e Missão*** da Ordem, Província e das Comunidades, tendo desenvolvido um ***Plano de Formação***, constituindo esta **Comissão** e tendo pessoas comprometidas e trabalhando neste campo é muito, embora não possamos ficar satisfeitos.

O salto mais significativo é que, quando hoje se identifica uma situação de abuso em nossos ambientes, **já sabemos o que fazer**, por onde começar, a quem recorrer...

Devemos continuar a aprofundar o **acompanhamento** das pessoas feridas —vítimas e perpetradores— nos processos de reparação, de sensibilização e de formação.

Nos recentes ***Projetos de Vida e Missão*** da Ordem e das Províncias, a questão foi seriamente abordada. Formaram-se equipes de trabalho, formaram-se pessoas, foram revistos os documentos que já tínhamos e novos foram publicados, trabalhamos com outras instituições, religiosas e civis, que nos ajudam e às quais ajudamos.

Devemos ter o cuidado de não manter tudo no papel, mas de nos materializarmos na **transparência**, na prestação de contas, na revisão da **concepção clericalista** da nossa vida, no uso sem abuso de **poder**, na necessidade de acompanhar e deixar-nos acompanhar pelos nossos irmãos e irmãs.

conhecimento mútuo, amor e respeito”

Em suma, estou convencido de que, como Igreja e como Família carismática, só avançaremos se cada um de nós considerarmos a **conversão pessoal**.

Entrevista completa.

Explique-nos o documento “Prevenção e proteção de menores e pessoas vulneráveis”.

É um compêndio do trabalho neste campo da nossa Família nos últimos anos que será apresentado com um curso introdutório na plataforma da ***Escola de Formação*** *‘In imum cordis’* a partir de fevereiro. Haverá também formações específicas para os superiores maiores, priores, líderes e colaboradores das obras apostólicas.

Nesta publicação conjunta estão o *Estatuto e o Regulamento Interno da Comissão para a Proteção de Menores e Pessoas Vulneráveis*; o *Regulamento Canônico de Ação sobre Denúncias de Crimes contra o Sexto Mandamento com Menores ou Pessoas Vulneráveis*; as *Diretrizes para a Prevenção e Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis* na pastoral ministerial e missionária, nos centros educativos, nos projetos sociais, nos ambientes de formação e na pastoral vocacional; uma *lista de conceitos-chave*; *formulários* para sua aplicação em diferentes situações e com diferentes perfis de pessoas; e, por fim, algumas *Diretrizes para a gestão de crises de comunicação*.

Com exceção do *Regulamento* relativo às denúncias, o qual é de cumprimento obrigatório, e dos documentos organizativos da própria Comissão, os demais são orientações que podem ser **adaptadas** a cada realidade geográfica e cultural.

Por outro lado, exigirá uma atualização contínua que reúna as novidades e responda às necessidades que surgem. Por estas razões, acredito que estamos **bem orientados**; devemos continuar caminhando e devemos aproveitar esta oportunidade para revitalizar a nossa vida e missão.

Uma boa convivência é cuidar de nossas relações comunitárias e pastorais, avaliar nossa vida e missão, analisar como a vivenciamos a autoridade no dia-a-dia, ser transparentes, prestar contas, formar-nos e melhorar nossa dedicação às pessoas.



Ensinar a experiência do “bom tratamento”

Uma das coisas de que mais gosto na experiência de ensino na Universidade Gregoriana de Roma é encontrar-se num pequeno laboratório da Igreja universal. Tanto pela diversidade cultural quanto pela interdisciplinaridade, todos os dias temos a oportunidade de compartilhar a vida, preocupações, pesquisas e dúvidas com muitas pessoas de diferentes lugares, com os mais variados perfis.

Além disso, quando se fala em vulnerabilidade, infância, fatores de risco, aspectos institucionais ou modelos de Igreja, o contexto, a cultura e a disciplina a partir da qual são abordados, contribuem com muita riqueza.

No primeiro ano em que lecionei no Instituto de Antropologia da Universidade Gregoriana (IADC) tive 22 alunos de 20 países. Um grande desafio…

Todos os anos, dezenas de novos alunos vêm dos cinco continentes, e a oportunidade de acompanhá-los, aprender com eles e fornecer-lhes informações sobre o que estamos vendo e aprofundando é fantástica.

Não a percebo apenas como acadêmica, pedagógica ou intelectual; de alguma forma, concebo-a como outra dimensão do meu ser evangelizador.



O “bom tratamento” é ensinado, aprendido,

Nos colégios dos Agostinianos Recoletos na Espanha existem programas para incentivar a boa convivência escolar, solução rápida de conflitos, impedindo assim o seu agravamento; também identificação e rápida atuação em casos de abuso e assédio.

Os colégios são instituições onde se aprende a cuidar de si mesmo e cuidar dos demais. Mais do que buscar ambientes seguros, queremos oferecer uma formação abrangente para tecer as relações humanas a partir da **reciprocidade**, **confiança** e **respeito**; valores que serão aplicados ao longo da vida adulta. A consequência é a proteção efetiva de todos os membros da comunidade escolar: estudantes, professores, funcionários, equipes de gestão.

Estratégias de boa convivência e cuidado mútuo garantem essa educação integral. Os termos “cuidar” e “cuidado” são pensamento e ação, manifestados pela presença e afeto.

Nos centros educativos dos **Agostinianos Recoletos** na **Espanha** existem programas projetados para essa dimensão escolar. Apresentamos três deles: “aluno-ajuda”, “aluno-mediador” e o aplicativo *#ConvivApp*.

Aluno-ajuda

Este programa permite que, no dia a dia e de forma sistemática, todos na escola saibam a quais alunos devem recorrer para buscar **apoio, escuta, compreensão**. Outro de seus papéis é identificar aqueles que estão **tristes**, abatidos ou preocupados, para implementar o mais rápido possível, ações de apoio.

Os “**alunos-ajuda**” não vêm de uma espécie de classificação de gentileza ou comparações entre pessoas, mas, naturalmente, eles já se destacaram por suas habilidades de **tratamento e empatia**.

No **Colégio Romareda** em **Saragoça** este programa chama-se ***Irmão mais velho***. Os alunos de 15 anos orientam aos de 12 anos e apoiam a sua passagem do Fundamental para o Médio. **Esther** é responsável pelo programa:

> *“Este projeto surgiu do desejo de aumentar a participação dos alunos na boa convivência, dando-lhes maior responsabilidade e protagonismo.*
>
> *São voluntários com perfil de liderança, que inspiram confiança, que sabem ouvir e estão dispostos a ajudar. Eles recebem formação no Departamento de Orientação em habilidades de comunicação, gerenciamento de emoções e resolução de conflitos. Eles são um observatório privilegiado das relações na Escola, eles fornecem ideias e propostas interessantes para melhorar a convivência.*



“Irmãos mais velhos” do Colégio Romareda de Saragoça, Aragão, Espanha.

> *Embora possa parecer que o benefício imediato recaia sobre os que necessitam de ajuda, vemos que os próprios “alunos-ajuda” são favorecidos com autoconfiança, a aquisição de habilidades sociais, sentimentos de responsabilidade e empatia, educação emocional e autonomia na resolução de conflitos”.*

Xavier e Inês são alunos deste programa.

Como você definiria seu “irmão mais velho”?

Minha “irmã mais velha” é muito simpática, sempre ajuda a resolver qualquer problema e, se ela me vê muito ocupada, ela me estende uma mão e me ajuda.

Como ter um “irmão mais velho” os ajudou”?

No início do ano letivo, nos deram muitos conselhos sobre como era o Ensino Médio, como tínhamos que estudar, como eram nossos professores, como seriam as provas e como melhorar as notas.

Agora, quando nos reunimos, realizamos outras atividades e brincamos, há reuniões no pátio... Eles até nos prometeram que virão à aula para nos dar uma tutoria na próxima avaliação.

Você gostaria de ser “irmão mais velho” no futuro?

Eu teria que pensar sobre isso, mas acho que tentaria. Eu gostaria de ajudar os outros a se adaptarem ao Ensino Médio e fazê-los confiar em mim. Claro, eu teria que me preparar. Há muitas mudanças do Ensino Fundamental para o Médio, como as teremos vivido completamente, assim teremos experiência e saberemos como ajudar.

vivenciado e permanece para sempre

Alunos-mediadores





Na **mediação**, alguém imparcial facilita a comunicação e ajuda às partes em um **conflito** a chegar a um **acordo**. A mediação tem grande valor educativo, porque ensina que sempre há uma solução, mas a violência nunca é essa solução.

Outra experiência significativa da mediação é que ela reforça a parte positiva de cada pessoa e se aprende a ouvir.

Os "mediadores" do **Colégio Santo Agostinho** de **Valladolid** são alunos do Ensino Médio, identificados com uma pulseira *(fotos)*, que intervêm nas discussões diárias. **Aitana** é uma das "mediadoras".

Como se faz a mediação?

A primeira fase é a remediação: nos apresentamos e conhecemos separadamente a visão de cada parte.

A segunda é a apresentação das regras e normas do diálogo. Decidimos quem começa a falar.

Na terceira se esclarecem ideias com perguntas específicas e se resume tudo em uma visão geral.

Na quarta fase, protagonistas e "mediadores" propõem soluções. Nos conflitos mais complexos, abordamos as questões por ordem de dificuldade, do maior para o menor. Finalmente, buscamos um acordo realista e possível, confidencial e escrito, e realizamos o seguimento.

Como você se sente com sua pulseira de "mediadora"?

Sinto-me responsável, porque devo dar exemplo e ajudar igualmente meus amigos, conhecidos e desconhecidos, ou mesmo aquelas pessoas com quem prefiro não me relacionar.

Ao mesmo tempo, congratulo-me com o fato de os meus colegas confiarem em mim.

#ConvivApp

O **Colégio Santo Agostinho** de **Valladolid** recebeu o *Prêmio de convivência entre estudantes* concedido pela Secretaria de Educação da região de Castela e Leão pela implementação do programa ***#ConvivApp***, em operação desde o ano letivo de 2020–2021.

Este programa educativo consiste em uma aplicação que serve para **identificar** o mais rapidamente possível e **agir** imediatamente no caso de qualquer incidente relacionado com abuso —físico ou psicológico—, assédio —real ou virtual— ou qualquer problema de convivência no centro educativo.

Todos os alunos e professores do Ensino Médio têm o aplicativo instalado. De forma simples e anônima, comunicam qualquer situação que estejam **sofrendo** ou tenham **testemunhado**. Cada incidente é analisado, os responsáveis pelos afetados são informados e, no momento oportuno, também as famílias.

Além disso, os coordenadores do aplicativo, os "***alunos-mediadores***" e os "***alunos-ajuda***" realizam reuniões e se comunicam sobre os problemas identificados. ***Alberto*** é responsável por ***#ConvivApp***:



Como surgiu essa ideia?

Os coordenadores dos "alunos-ajuda" e "mediadores" nos reunimos em fevereiro de 2020 para ver como unir a convivência e as novas tecnologias durante a pandemia. Uma professora que morou nos Estados Unidos se lembrou de uma experiência chamada: If you see something, say something: "Se você vê algo, conte-o".

Como todos os alunos usam tablets, projetamos um aplicativo de fácil acesso, e colocamos a ideia em ação.

Como funciona?

Assim que um aluno preenche um formulário de ocorrência, um aviso aparece para os professores. Anotamos em um diário, fazemos as observações necessárias e acompanhamos o caso. Além disso, colaboram conosco os "alunos-ajuda", que observam a situação mais de perto e informam aos responsáveis.

Fim do IV Centenário

Os Agostinianos Recoletos encerraram no dia 5 de dezembro o **IV Centenário** de seu **primeiro Capítulo Geral**. No mosteiro de Santa Isabel das **Agostinianas Recoletas**, em **Madri**, houve com tal motivo uma Santa Missa e uma conferência do frei José Maria Sánchez, com o tema: *O Capítulo Geral de 1621*.

O Prior Geral, **Miguel Ângelo Hernández**, assinalou que a **Recoleção** é **intensidade**, paixão, ardor, é viver ao máximo, com radicalidade, com autenticidade; é viver da fé e não ter o coração apegado à coisa alguma, com profundidade e intensidade, longe da superficialidade (*QR, homilia completa*).



Como semente de mostarda

O agostiniano recoleto **Teodoro Baztán** (Navarra, Espanha, 1936) acaba de publicar um novo livro para as **Fraternidades Seculares Agostinianas Recoletas**: *Como um grão de mostarda*. Contém as reflexões que ele manteve com os membros da Fraternidade sobre a sua ***Regra de Vida*** há mais de dois anos, em encontros virtuais duas vezes por mês.



Os livros de frei **Teodoro** têm uma linguagem simples e acessível para todos, de modo que os membros da **Fraternidade Secular** em todo o mundo os têm usado com frequência para sua formação.

Missionárias Agostinianas Recoletas





As **Missionárias Agostinianas Recoletas** encerraram em 18 de janeiro em sua casa-mãe em Monteagudo (Espanha) o **75º aniversário** de sua fundação canônica. Coincidindo com o aniversário, a coletânea *Lâmpadas Ardentes* da editora **Avgvstinvs** acaba de publicar as biografias de dois dos protagonistas da fundação desta Congregação.

São eles: o bispo **Francisco Xavier Ochoa**, agostiniano recoleto, e uma das três monjas cofundadoras, **Ángeles García**. Os autores dessas biografias são, respectivamente, **Nieves Maria Castro** e **Carmen Chaparro**, ambas religiosas da congregação das MAR.

Sarapiqui e os Recoletos

O cantão de **Sarapiquí**, na **Costa Rica**, homenageou aos Agostinianos Recoletos por seu trabalho e presença naquela região há 46 anos. E fê-lo nas mãos do religioso **Jesus Nicolás Martínez** (Monteagudo, Navarra, Espanha, 1949), missionário recoleto que lá está desde a fundação daquela missão.

Por isso, no dia 19 de novembro, em sessão especial que comemorou os 52 anos do município, foi nomeado filho predileto *"por seu trabalho pastoral e social em prol do desenvolvimento da região"* e seus *"esforços por anos em favor dos camponeses e dos trabalhadores das bananeiras"*.

